

## A COR DO DEFEITO: UMA ANÁLISE SOBRE RAÇA, GÊNERO E CORPOREIDADE

Daniara Thomaz<sup>1</sup>

Luara Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo uma reflexão acerca dos efeitos do racismo na autopercepção e assimilação dos corpos negros femininos. A partir da estética hegemônica estabelecida socialmente, a corporeidade negra passa a ser um problema na vivência de mulheres negras, cujas características físicas tornam-se elementos de repulsa que resultam no sentimento de auto-ódio. Desta forma, buscamos analisar a vivência de cinco mulheres negras, integrantes de um coletivo de juventude negra localizado na cidade de Maringá-PR, a fim de compreendermos por meio de conversações as relações que as mesmas estabelecem com seus corpos e as interações destes com o meio social.

**Palavras-chave:** Racismo; Autopercepção; Corporeidade; Gênero; Estética.

## EL COLOR DEL DEFECTO: UN ANÁLISIS SOBRE RAZA, GÉNERO Y CORPOREIDAD

**Resumen:** Este trabajo tiene por objetivo una reflexión acerca de los efectos del racismo en la auto-percepción y asimilación de los cuerpos negros femeninos. A partir de la estética hegemónica establecida socialmente, la corporeidad negra pasa a ser un problema en la vivencia de mujeres negras, cuyas características físicas se convierten en elementos de repulsa que resultan en el sentimiento de auto-odio. De esta forma, buscamos analizar la vivencia de cinco mujeres negras, integrantes de un colectivo de juventud negra ubicado en la ciudad de Maringá-PR, a fin de comprender por medio de conversaciones las relaciones que las mismas establecen con sus cuerpos y las interacciones de éstos con el medio social.

**Palabras clave:** Racismo; Autopercepción; Corporeidad; Género; Estética.

## THE DEFECTIVE COLOR: AN ANALYZIS OF RACE, GENDER AND CORPOREITY

**Abstract:** This article aims to reflect about the effects of racism on the self-perception and assimilation of female black bodies. From the hegemonic aesthetics established socially, black corporeity becomes a problem in the experience of black women, whose physical characteristics become elements of repulsion that results in the feeling of self-hate. In this way, we seek to analyze the experience of five black women, members of a black youth collective located in the city of Maringá-PR, in order to understand through conversations the relations they establish with their bodies and their interactions with the social environment.

**Key-words:** Racism; Self-perception; Corporeity; Gender; Aesthetics.

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM), pesquisadora-bolsista no Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros (NEIAB-UEM). Contato: daniaratfm@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM). Contato: lu-paula91@hotmail.com

## **Introdução**

As noções de beleza compartilhadas socialmente propagam um tipo de corpo ideal, cujas raízes históricas podem ser vislumbradas em ideologias totalmente demarcadas pelo racismo e suas ramificações. A ideia acerca da beleza traz consigo uma exclusão sistemática de corpos que não adentram as classificações sócio-culturais daquilo que é considerado e propagado enquanto belo em termos estéticos; desta forma, os marcadores sociais da diferença incidem sobre mulheres negras, afetando-as consideravelmente, sobretudo no aspecto subjetivo, produzindo uma auto-percepção acerca de seus corpos totalmente vinculada ao fenômeno de inferiorização da população negra que, por sua vez, se constitui enquanto constructo direto do racismo estrutural vivenciado em nosso país.

Ao longo da história o corpo fora concebido de variadas formas, tendo como parâmetros de classificação as ideias dominantes vigentes em cada período específico. Neste sentido, o processo de padronização do corpo e de apreensão da diferença corporal ocorreu de acordo com as noções de funcionalidade atribuídas ao corpo em cada momento histórico, produzindo categorias de norma e não-norma por meio daquilo que seria funcional ou não para aquela sociedade em determinado período. Lucídio Bianchetti (1998) irá propor uma análise sobre o corpo que parte de uma perspectiva historicista, considerando os momentos históricos vivenciados pelas sociedades ao produzirem a normatividade acerca do corpo. Segundo o autor, a valorização e a desvalorização do corpo seguem uma lógica dominante que encontra na premência social os critérios de classificação sobre o corpo-modelo. Logo, o corpo-ideal tem muito mais que ver com os ideais propagados pelas classes dominantes de determinada sociedade e as demandas daquele tipo de organização social do que com o quê, de fato, aquele corpo configura.

Vislumbrando as concepções que pairam sobre o corpo negro feminino, compreendemos a necessidade de abordarmos a corporeidade negra e sua dissidência em uma sociedade cujos referenciais de beleza estão todos embasados em uma lógica colonialista e eurocêntrica. Neste sentido, analisar os efeitos do racismo e suas consequências na produção de subjetividades de mulheres negras nos pareceu ser o método mais honesto para evidenciarmos de que formas o racismo atua em relação aos corpos negros e femininos. A idealização do corpo branco, magro, feminino e delicado enquanto o corpo-ideal construiu um projeto de feminilidade que excluiu de suas categorias uma série de mulheres que não comportam as qualidades daquilo que é considerado belo socialmente. As ramificações desse projeto de feminilidade incidem sobre mulheres negras, de forma que as articulações do racismo e sexismo se tornam marcadores potentes na vida de tais mulheres, produzindo

percepções e concepções totalmente atravessadas pela lógica colonial, o que, por sua vez, são traduzidas em sentimentos de recusa ao próprio corpo, auto-ódio, entre outros.

Diante disso, este artigo propõe uma análise sobre os modos pelos quais mulheres negras se veem em termos estéticos e, conseqüentemente, sobre as formas de interação social experienciadas por esses corpos nos mais diversos campos como, por exemplo, na vida pessoal, profissional, sexual, etc. O objetivo é compreender como o racismo e o sexismo atuam sobre a vida de mulheres negras, produzindo imaginários e noções totalmente vinculadas ao sistema de hierarquia de raça e gênero vigente em nosso país que delimitam as ações e interações de corpos negros e femininos. Sendo assim, propomos uma reflexão, a partir das vivências compartilhadas por 5 mulheres negras residentes da cidade de Maringá-PR, sobre as marcas do racismo na produção de suas subjetividades e suas formas de lidar com seus corpos.

### 1. Mulheres negras falam sobre mulheres negras

*“Hey, what have I got? Why am I alive, anyway? Yeah, what have I got nobody can take away! Got my hair, got my head, got my brains, got my ears, got my eyes, got my nose, got my mouth, I got my smile, I got my tongue, got my chin, got my neck, got my boobies, got my heart, got my soul, got my back, I got my sex”*

Nina Simone

Por compreendermos que a produção científica não pode, sequer deve, se manter dentro dos moldes eurocêntricos que propagam uma neutralidade, pouco eficiente, convém dizer, acerca da localização social daquele que se propõe a estudar o Outro, destacamos o local do qual traçamos nossa análise acerca do tipo de corporeidade experienciada por mulheres negras. O tema escolhido para a elaboração desta pesquisa e, conseqüentemente, deste artigo, não se constituiu, em hipótese alguma, enquanto um assunto estrangeiro para as pesquisadoras; ao contrário, a escolha do tema e campo dessa pesquisa se deu, exatamente, por se consolidar como elemento frequente na vida das pesquisadoras cujas identidades são, também, atravessadas pelos marcadores de raça e gênero. Portanto, acreditamos ser necessário delimitar em quais condições e por quais razões escolhemos nosso campo, não somente para sermos honestas e produzirmos uma pesquisa legítima, mas também para avançarmos em questões essenciais no que tange às relações de poder dentro da produção do conhecimento científico.

A escolha do tema surgiu da necessidade das pesquisadoras em tratar, a partir de termos científicos, das particularidades que o racismo estrutural assume na vida de mulheres negras. Considerando a ausência de discussões acadêmicas que abordam o racismo como agente e potencializador de diversas percepções, tanto objetivas quanto subjetivas, criadas acerca do corpo negro feminino, destacamos a urgência de se trabalhar questões tão essenciais na vida de mulheres negras que, no entanto, são excluídas do processo de solidificação do racismo enquanto tema científico. Os efeitos do racismo e sexismo na produção da identidade de mulheres negras não são elementos fáceis de serem constatados, a articulação de ambos marcadores são traduzidos, muitas vezes, em sentimentos, impressões, pensamentos que ultrapassam a objetividade requerida em trabalhos científicos, transformando-se em perspectivas consideradas individuais demais para adentrarem o repertório de temáticas empregadas nas pesquisas científicas, sobretudo nas áreas das Ciências Humanas. Por entendermos o racismo para além de uma expressão individual, originada de sentimentos subjetivos, e sim como um sistema de poder, cujos efeitos são evidenciados tanto em amplo aspecto quanto em aspectos pessoais, é que vislumbramos a necessidade de tratarmos das autopercepções de mulheres negras acerca de seus corpos enquanto componentes da estrutura sociorracial vigente em nosso país e, portanto, como objetos de estudos das Ciências Humanas.

Neste sentido, este trabalho teve início a partir da frequência com a qual o tema surge nas narrativas de mulheres negras, evidenciando o compartilhamento de um sentimento que, apesar de encontrar manifestações distintas em cada mulher, se demonstra presente na vivência das mesmas, destacando a agência do racismo e sexismo na vida particular dessas mulheres que, de forma unânime, alegaram terem experienciado algum sentimento derivado das articulações destes marcadores sociais. A partir disso, surgiu a necessidade de abordar a temática por vieses outros que não a individualidade atribuída às concepções elaboradas por mulheres negras acerca de seus corpos e as interações sociais e pessoais vivenciadas por estes. Desta forma, este artigo propõe uma análise que compreenda o racismo e o sexismo como marcadores<sup>3</sup> que se revelam, constantemente, presentes na vida de mulheres negras, produzindo limites, marcas, sentimentos, perspectivas e narrativas totalmente atreladas às noções sociorraciais construídas sobre tais corpos e que se fazem presentes enquanto elementos marcantes na construção da identidade de mulheres negras. Sobre a agência dos

<sup>3</sup> O termo “marcadores” é utilizado aqui no sentido de marcar, delimitar, restringir a experiência do corpo negro feminino no âmbito social e pessoal de mulheres negras. Entende-se, assim, que a articulação de ambos os marcadores produzem elementos agentes na vida de tais mulheres, cujas experiências sempre apresentam a incidência do racismo e sexismo.

marcadores sociais da diferença na construção da identidade, a feminista indiana Avtar Brah argumenta que:

Questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. **Identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais.** A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança (Brah, p. 371, 2006, grifo nosso).

Ademais, a produção de uma análise socioantropológica acerca do corpo negro feminino, por parte de mulheres negras, possibilita a construção de uma ciência menos assimétrica no que tange às relações de poder moldadas entre pesquisador e pesquisado. Admitindo a importância de produções científicas que quebrem com a hegemonia praticada pela epistemologia ocidental e, desta forma, permitindo a desessencialização de corpos negros enquanto objetos de estudos absolutos, ou, como nos informou Guerreiro Ramos (1954), enquanto *negro-tema*. Objetivamos, assim, apreender a experiência do *negro-vida* e suas práticas de recusa e superação dos limites implicados pelas representações sociais construídas sobre o/a sujeito/a negro/a, isto é, o/a negro/a que se rebela contra sua condição naturalizada de objeto de análises e estudos (Cardoso, 2017).

## 2. A experiência do grupo focal

Em um primeiro momento, foram analisados textos que abordam a temática acerca da condição da mulher negra em termos de estética, beleza e corporeidade. A partir disso, foi realizado um grupo focal com cinco mulheres negras, residentes da cidade de Maringá-PR e região, com idade entre 20 e 30 anos, apresentando diferentes tonalidades de cor, sendo todas vinculadas à Universidade Estadual de Maringá (UEM) e ao movimento negro da cidade. A escolha de tais mulheres se deu devido ao contato prévio com as mesmas, em razão da proximidade das pesquisadoras com as entrevistadas.

A escolha do uso do grupo focal como metodologia de pesquisa, ocorreu tendo em vista a maior flexibilidade permitida por tal método, cuja coleta de dados se dá de forma menos enrijecida, obtendo resultados mais transparentes e com menos indução por parte do pesquisador. Segundo Sônia Maria Guedes Gondim (2003), o grupo focal é definido como:

uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Veiga & Gondim apud. Gondim, p. 151, 2003).

Neste sentido, encontramos no grupo focal a possibilidade de uma análise que integrasse as perspectivas das entrevistadas e lhes desse maior autonomia no processo de apreensão de tais perspectivas. Além disso, por se tratar de um assunto que carrega tanta complexidade, o processo de entrevista fechada, provavelmente, excluiria uma série de questões que não podem ser evidenciadas com respostas curtas e limitadas a determinado número de linhas. Desta forma, o grupo focal, enquanto método de pesquisa que utiliza da interação para a coleta de dados, se demonstrou como melhor opção para obtermos um resultado mais inclusivo em nossa pesquisa.

A pergunta condutora do presente grupo focal ocorreu a partir da frequência com que a temática é apresentada na vida das pesquisadoras. Sendo assim, a corporeidade se faz presente nas conversações diárias no cotidiano de mulheres negras, seja como assunto desprezioso ou como assunto acadêmico. Considerando nossos posicionamentos sociais, raciais, de classe, de gênero, etc.; como elementos que induzem nossos interesses, afinidades e escolhas pessoais ou coletivas, partimos de uma questão, que também nos atravessa, para compreender a dinâmica de atuação do racismo e sexismo sobre corpos negros e femininos, através das percepções produzidas pelas próprias mulheres. Nesse sentido, o presente trabalho se situa como uma análise socioantropológica da interferência do racismo sobre corpos negros femininos, mas também como autocompreensão das pesquisadoras sobre seus corpos e a representação destes.

O grupo focal se iniciou com a seguinte pergunta condutora “qual a sua relação com seu corpo e as interações do mesmo?”, a partir dessa questão as participantes foram relatando suas experiências em diferentes espaços sociais, em alguns momentos, uma das pesquisadoras mediavam questionamentos introduzindo questões relacionadas à pergunta inicial. O grupo foi realizado na sala da casa de uma das pesquisadoras, tendo em vista que era um local seguro, silencioso e sem a possibilidade de interrupções. A dinâmica das falas ocorreu sem uma ordem preestabelecida, as participantes expuseram suas considerações conforme se sentiam confortáveis para tal, o grupo se encerrou com uma hora e cinco minutos de duração.

A dinâmica do grupo focal permitiu que as entrevistadas se sentissem confortáveis para exporem suas vivências em relação aos seus corpos e as marcas pessoais resultantes das

articulações do racismo e sexismo. Apesar de cada entrevistada demonstrar uma perspectiva distinta frente aos marcadores sociais, todas elas apresentaram alguma experiência em que o racismo em conjunto com o sexismo se fizeram atuantes nos modos pelos quais essas mulheres e seus corpos interagem socialmente. O sentimento de repulsa ao próprio corpo, o auto-ódio, foi o elemento mais constante nas falas das entrevistadas, demonstrando o quanto as representações sociais produzidas acerca da população negra, e amplamente propagada socialmente, influenciam na construção identitária de mulheres negras.

### **3. Resultados e discussões**

Segundo Bell Hooks em seu texto *Vivendo de amor* (2010), “numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade” (Hooks, 2010, p. 01). Desta forma, compreendemos a autopercepção de mulheres negras acerca de seus corpos como elemento atravessado por diversas esferas do racismo, cujos efeitos se dão tanto na interação social de tais mulheres, quanto nas formas pelas quais terceiros construirão seu olhar sobre o corpo negro feminino. A supremacia da raça branca produziu um tipo de concepção acerca do sujeito/a negro/a que ocasiona uma série de fenômenos intrinsecamente ligados ao sentimento de auto-ódio, que interfere diretamente na interação corporal de mulheres negras, uma vez que seus corpos estão sempre demarcados pela ausência daquilo que é tido como belo, puro, limpo e digno, elementos estes associados à branquidão.

Com isso, a maneira como mulheres negras lidam com seus corpos está totalmente condicionada ao modo como o meio social lida com corpos negros e femininos, as estruturas de poder que estão vinculadas a esses corpos são campos políticos e atuam a partir disso. Segundo Foucault “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (Foucault, 1987, p. 28). Sendo assim, o corpo não se restringe a sua dimensão biológica, mas também as suas interações marcadas por poderes, como nos lembra Foucault. Os poderes que marcam os corpos negros das mulheres incidem de maneira pujante sobre as diferentes formas de esse corpo estar no mundo, dirigem seus comportamentos, suas ações, criam olhares, enfim, os projetam ao mundo de maneiras diferentes com as quais projetam aqueles corpos que não apresentam tais marcadores, o poder contido nas estruturas racistas e sexistas criam as

relações que as mulheres negras terão consigo mesmas e as maneiras como acreditam que o mundo interage com elas.

A partir da visão foucaultiana a respeito do corpo enquanto elemento atravessado por constructos de poder, compreendemos o corpo não como uma coisa em si mesma, mas resultante de interações diversas, isto é, o corpo só é a partir do que se faz dele, sendo assim:

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (Foucault, 1979, 146).

Portanto, o que mulheres negras enxergam de seus corpos, o que fazem com eles, o que não fazem, como os mantêm esteticamente, como vivem sua sexualidade, seu envelhecimento, seu prazer, como se divertem ou não com ele, entre outros, todos esses elementos são resultados do poder exercido sobre eles. Em uma sociedade machista, racista, lgbtfóbica, os mecanismos de poder incidirão de maneira muito específica sobre determinados corpos, formando determinados tipos de vivência a partir disso. Sendo assim, passaremos a análise das elaborações feitas pelas mulheres negras participantes dessa pesquisa, a fim de compreender o resultado do poder investido sobre esses corpos, e assim, alcançar em alguma medida as delícias e as dores desses corpos.

As questões que sobressaíram nas falas das participantes tocaram em pontos como sentimentos de inadequação em determinados espaços, sentimento de aversão ao próprio corpo e o sentimento de sobrecarga nas diversas relações que estabelecem ao longo da vida. Um dos aspectos evidenciados durante o grupo focal foi o sentimento de não-pertencimento ao ideal de feminilidade vigente em nossa sociedade, expresso por limitações subjetivas e objetivas<sup>4</sup> que determinam a experiência acerca do próprio corpo por parte de tais mulheres.

O corpo, esse apanhado de signos sociais carregados de ideologias como nos aponta Amparo Caridade (1997), aparece nos discursos das participantes como um corpo que não alcança determinados lugares, o da feminilidade hegemônica<sup>5</sup> é um deles, o corpo de mulheres negras não carregaria uma série de ideologias e valores relacionados à branquitude,

<sup>4</sup> Aqui, o termo objetivo se refere às impossibilidades práticas de vivência do corpo negro feminino. Por exemplo, a falta de produtos ou profissionais voltados para o cuidado do cabelo crespo e cacheado resulta em uma experiência corpórea marcada pela ausência.

<sup>5</sup> O termo feminilidade hegemônica aqui utilizado diz respeito aos padrões estéticos e comportamentais atribuídos à figura feminina e que são considerados enquanto norma da feminilidade. Tais padrões são representados pela magreza, branquidade, delicadeza, submissão, entre outras características.



neste sentido, a maneira de vivenciar práticas tidas como femininas torna-se diferenciada de outras realidades quando se trata da vivência de mulheres negras.

Uma das participantes, Bruna<sup>6</sup>, relatou sua dificuldade em cortar o cabelo, mesmo sendo desejo da mesma, o corte de cabelo significaria para ela a ocupação de uma posição ainda mais marginalizada em relação à feminilidade. Bruna aponta em sua fala uma possibilidade de compensação para o sentimento de não-adequação, segundo ela, vestir-se de maneira formal e o uso de apetrechos considerados femininos a aproxima do ideal de feminilidade hegemônica. Os relatos de Bruna, nos levam as considerações formuladas por Angela e Onik'A Gilliam (1995) que escrevem que o cabelo é um marcador de raça e constitui-se enquanto elemento de grande significado para as mulheres; esse marcador de “cabelo bom” versus “cabelo ruim” está presente em todas as culturas de economia colonial, diante disso, fica claro o impacto do cabelo na vida e interação de mulheres negras na sociedade.

O racismo e sexismo juntos expõe a vivência dos corpos negros a uma ausência de autonomia, visto que mesmo com o corte de cabelo configurando-se enquanto desejo genuíno e pessoal, Bruna se vê presa ao medo das possíveis consequências de seu desejo. O processo de enclausuramento de seu desejo expõe o quanto a supremacia branca sabota constantemente nossos esforços por construir uma individualidade, uma identidade singular. Bruna não dá ao seu corpo a experiência que deseja e isso vai de encontro com as afirmações de Weitz (2003) que diz que as mulheres frequentemente tem consciência das expectativas culturais relativas a seus cabelos.

Não importa o que uma mulher faz ou não faz com o cabelo — alisar ou não alisar, enrolar ou não enrolar, cobrir com um tecido ou deixá-lo descoberto — seu cabelo vai afetar como as outras pessoas respondem a ela, e seu poder vai aumentar ou diminuir de acordo com a aparência (Wietz, 2003a, p. 148).

Tendo em vista os apontamentos feitos por Wietz (2003) sobre a consciência que as mulheres têm em relação aos padrões a que estão expostas, independente de suas discordâncias com os mesmos, as mulheres em sua maioria, e aqui eu destacaria as mulheres negras por motivos óbvios, utilizam estratégias para lidar com expectativas externas e obter algum tipo de poder. Segundo Wietz (2003), existem três categorias de estratégias mais utilizadas, ora as mulheres se acomodam aos padrões, ora resistem ou combinam resistência e acomodação. Ao relatar a dificuldade em vivenciar seu corpo da maneira que deseja, Bruna também nos relata que utiliza de instrumentos que a mesma considera como meios

<sup>6</sup> Todos os nomes utilizados no texto são de caráter fictício para preservação e segurança das entrevistadas.

compensatórios em relação a sua negritude e em especial a seu cabelo que, de acordo com ela, a coloca em uma posição de desvantagem social. O que a entrevistada relata à respeito das táticas compensatórias é a vestimenta, Bruna informa que procura se vestir com todos os signos atrelados à feminilidade disponíveis: roupas coloridas, maquiagem, ornamentos no cabelo, etc; esse modo de agir de Bruna nos remete às estratégias ditas por Wietz, no caso da entrevistada, uma mescla de resistência e acomodação.

Ao não alisar o cabelo, ou não usar de estratégias para ‘amenizar sua negritude’, Bruna resiste às imposições sociais existentes, ainda que não use seu corpo completamente como deseja, também não cede às pressões estéticas relacionadas ao cabelo. Em sua fala, a participante também aponta para o fato de utilizar determinadas vestimentas para se adequar aos espaços e sentir-se mais confortável em meio à branquitude. Embora alguns tipos de comportamentos possam ser associados à acomodação dos padrões estéticos hegemônicos, na realidade, eles são mecanismos pelos quais pessoas negras, conscientes desses limites simbólicos e materiais, procuram ocupar espaços de pouca representatividade negra. Não se trata de uma ingênua peça de roupa meramente, mas o que está em jogo na narrativa de Bruna é a dinâmica social e a possibilidade de ocupar determinados espaços. Bruna sabe que sua negritude a faz produzir um uso restrito acerca de seu corpo, como o desejo de cortar o cabelo; da mesma forma, é nítido que Bruna é consciente de sua negritude e da maneira como transitam os corpos negros no meio social, assim o sabe, pois seu próprio corpo lhe fornece tais informações e por meio destas informações é que a entrevistada cria estratégias outras para o uso de seu corpo.

Outra participante, Ana, traz consigo a experiência de uma mulher negra e lésbica (butch), a mesma informa, em relação a vivência de sua corporeidade, que o trânsito em espaços considerados elitizados é uma das tarefas mais difíceis para seu corpo. Ana afirmou ficar fortemente constrangida pelo olhar de outros sobre seu corpo negro e não-feminino, segundo ela, a sensação é de não recepção de seu corpo a alguns espaços, o que, por sua vez, gera um sentimento de mal estar demasiado. As observações feitas pela participante são extremamente relevantes e dizem muito sobre a fusão de múltiplos sistemas de subordinação, no caso de Ana o pertencimento racial e orientação sexual não-hegemônica, formando estruturas de desigualdades que causam diversos danos tanto objetivos como subjetivos.

Ao relatar que se sente incomodada e invadida pelo olhar sentenciador das pessoas em determinados espaços, Ana diz evitar entrar com seu corpo negro e lésbico em alguns espaços, espaços estes muitas vezes desejados por ela, mas ignorados como uma espécie de um cuidado antecipado, desse modo, não usa seu corpo da maneira como gostaria e nos

espaços que deseja. De acordo com Sandra Marcelino (2016), a mulher negra lésbica questiona com sua própria existência discursos que foram durante séculos construídos a respeito das mulheres, das negras e das lésbicas, ou seja, o corpo de Ana, isto é, mulher negra e lésbica, é um corpo que existe de maneira dissidente, e apesar das restrições traçadas por Ana em relação aos ambientes que frequenta, esse corpo subverte o feminino, quebra padrões da heteronorma e transgride o espaço esperado para uma mulher negra em uma sociedade racista.

Considerar a potência do corpo negro lésbico, como afirma Marcelino (2016), não significa ignorar que, mesmo potente em sua ‘natureza’, o corpo negro lésbico (butch) sofre uma dupla sanção, em razão de não se enquadrar à categoria de ‘boa aparência’ tão evocada em nossa sociedade. A mulher negra lésbica é contrária a essa categoria moral e de raízes racistas chamada de ‘boa aparência’ e nesse caminhar contrário àquilo que se enquadra enquanto desejado, muitas vezes, tem seu corpo rejeitado nos espaços ou desconsidera, de forma antecipada, seus desejos por medo de que a recusa social a sua existência e corpo possam ocasionar algum tipo de violência tanto no âmbito físico como no simbólico.

Durante a conversação, outro ponto unânime entre os relatos das participantes fora a grande preocupação com o cheiro exalado de seus corpos. Uma das participantes relatou que considera sua preocupação com o cheiro excessiva e alegou que chega a tomar cinco banhos por dia. Esse estado de preocupação sobre o odor do corpo aparece em outras falas como a de Raquel, cuja preocupação é acentuada quando se trata de sua vagina. É muito comum que existam relatos que se fixem a essa questão, afinal, o corpo negro, desde sua escravização, é tido como um corpo precário em termos de higiene e, conseqüentemente, que não apresenta odor ‘adequado’.

Os pensamentos que ainda hoje operam através da lógica racista surgiram há muito tempo, Gobineau (1853) é um dos principais precursores de teorias racistas de sua época e entre as diversas considerações que o mesmo fez em relação à população negra, o cheiro é elemento destacado por ele. Em um de seus escritos Gobineau diz o seguinte a respeito de negros e negras:

Se as suas faculdades pensadoras são medíocres ou mesmo nulas, ele possui no desejo, e subseqüentemente na vontade, uma intensidade frequentemente terrível. Vários dos seus sentidos estão desenvolvidos com um vigor desconhecido das outras duas raças: principalmente o gosto e o cheiro (Gobineau, 1853).

É notório que a preocupação que pessoas negras costumam ter com seus cheiros é resultado de um processo de socialização racista que incutiu em nossas subjetividades

estereótipos pensados e propagados desde muito tempo, como esse descrito por Gobineau. Sentenças a respeito de um suposto cheiro mais forte, específico, denominado como ‘cheiro de preto’ compõem os processos de socialização de indivíduos e indivíduos negras, sendo estas sentenças ditas e repetidas em diversos espaços (como, por exemplo, no próprio ambiente familiar, escolar, profissional e até mesmo em relações íntimas estabelecidas com outros/as). A partir de tais processos, criamos diferentes travas em relação ao nosso corpo, a vivência de nossa sexualidade e nosso estar em diferentes contextos.

As falas de Raquel em relação a preocupação com o cheiro de sua vagina e de Ana com relação ao odor do corpo em geral, nos leva às discussões acerca da desumanização do corpo negro, dos estereótipos pensados por Gobineau e tantos outros que continuam a ressoar sobre nossas vidas até hoje, constituindo obstáculos à construção de nossas individualidades, assim como nos aponta Isildinha Nogueira (1999). As mulheres negras, que conversaram conosco, apontam uma certa rigidez em seus corpos, uma espécie de travamento decorrente de ideias de desumanização do corpo negro, tornando contatos e interações cotidianas consideradas normais para os corpos regulares como elementos diferenciados na vivência de mulheres negras. Uma das participantes fez questão de pontuar sua demora para iniciar a vida sexual, e mais que isso, o quanto considera/considerava seu corpo inadequado e indesejável para o ato sexual, fazendo com que ela usasse seu corpo com restrição, perdendo em níveis subjetivos e objetivos experiências que a mesma considera importantes no processo de construção de sua individualidade e conhecimento de seu próprio corpo.

Todos os processos trabalhados neste texto por nós e por nossas interlocutoras apontam para uma vivência restrita do corpo negro. Não convém apagar o que nosso corpo significa por si só em relação à resistência, sabemos disso e reconhecemos que em meio a tantos processos de violência física e simbólica, um corpo negro em si já é resistência. Mas, a partir desses relatos, fazemos questão de destacar a necessidade de perceber como grande parte de nossa individualidade, autoconhecimento e subjetividade é cerceado pelas convenções e imposições presentes em uma sociedade machista e racista como a nossa. Quanto desejo reprimido existe em nós, quanto sentimento de inadequação, quanto gozo reprimido? Não basta apenas existirmos e nossa existência ser traduzida em resistência, é preciso viver bem. Ter o corpo demarcado por restrições, sejam de ordem subjetiva ou objetiva, não é gozar plenamente desse corpo, portanto, buscamos nos atentar para relatos muitas vezes ditos como demasiadamente subjetivos ou particulares, para, mais uma vez, apontar que o corpo é uma dimensão importante do ser e o que se pensa dele tem impactos significativos na vida e vivência da população negra.

## Considerações finais

A partir das discussões proporcionadas pelas mulheres que colaboraram com esse trabalho, pudemos perceber que o corpo negro feminino está marcado pelos efeitos do racismo, sobretudo, na forma pela qual este se coloca no mundo e entende o olhar do outro sobre si. As vivências das participantes apontam para experiências cujos marcadores de raça e gênero determinaram e determinam de modo bastante incisivo a interação de seus corpos no cenário social.

As limitações geradas pelo racismo e sexismo não são evidenciadas apenas na estrutura macrossocial, mas também estão presentes no âmbito individual de cada uma das participantes, produzindo autopercepções totalmente atreladas ao imaginário sociocultural perpetuado pela ideologia do branqueamento, restringindo as experiências, criando traumas, produzindo auto-ódio e tornando a vivência dessas mulheres muitas vezes duplamente pesada, visto que não são só as desigualdades objetivas, essas mulheres lidam com um engessamento de dimensões subjetivas, como a dificuldade de demonstrar afeto ou simplesmente ir a praia por ter vergonha da cor de sua virilha, por exemplo.

Ao ouvir o que as participantes sentem em relação às suas experiências corpóreas, é possível nos lembrarmos dos apontamentos elaborados por Deleuze (2006 [1968]) indicando que nunca houve nada mais injustiçado que a diferença. Todas as experiências relatadas dizem respeito à intolerância a diferença, intolerância essa elaborada nos processos de colonização e que se estendem até hoje no cotidiano da população negra, é nessa negação da diferença, que os padrões de hegemonia brancos incidem sobre as experiências corpóreas de mulheres negras, negando a possibilidade de outros corpos, cabelos, culturas, saberes, belezas, etc; que constantemente a branquitude constrói seus espaços de poder, constrói normas, códigos, padrões, signos e os alicerça sobre a ideia única, bela, boa, adequada.

Diante de uma sociedade alicerçada sobre concepções eurocêntricas, os formatos do desejado e considerado adequado são bastante rígidos, fazendo com que as diversas vivências de mulheres negras sejam atravessadas por eles, tornando, como dissemos, a experiência sem a plenitude possível, já que ao vivenciar determinadas experiências as mulheres negras estão ocupando outros patamares, tanto no sentido subjetivo quanto objetivo da vida.

Desse modo, fica claro a partir dos relatos das participantes desse trabalho, que o trânsito de seus corpos tanto nos espaços quanto nas interações é vivenciado de maneiras muito específicas e que essa vivência é clara para elas, no entendimento de seus corpos enquanto elemento significativo da experiência, essas mulheres mostram-se conscientes de

como, onde, e de que maneiras os marcadores raciais e de gênero restringem ou não suas experiências.

### **Referências bibliográficas**

BRAH, A. **Diferença, diversidade e diferenciação**. In: BRAH, A. Cartographies of Diaspora: Contesting Identities. Routledge, London/New York, capítulo 5, p. 95-127, 1996.

BIANCHETTI, L; FREIRE, I. M. **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**. Papirus: Campinas, 1998.

CARDOSO, L; MÜLLER T. M. P. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Appris: Curitiba, 2017.

CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese de Doutorado. Feusp, 2005.

CARIDADE, A. **Sexualidade: Corpo e Metáfora**. São Paulo: Iglu, 1997.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição** [1968]. Brasiliense: São Paulo, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Vozes: Petrópolis, 1987.

GILLIAM, A; GILLIAM, O. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 525, 1995.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002.

GOBINEAU, J. de. **Essai sur l'inégalité des races humaines** In: \_\_\_\_\_. Oeuvres I. Gallimard: Paris, 1983.

HALL, S. **Cultura e Representação** – Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira – Apicuri: Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2016.

Hooks, B. Vivendo de amor. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 454-478, 1995. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

hooks, b. Alisando nosso cabelos. **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

MARCELINO, S. Entre o racismo e a lesbofobia: relatos de ativistas negras lésbicas do Rio de Janeiro. **Revista Gênero**, Niterói, v.16, n.2, 2016.

NOGUEIRA, I. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XIII, n. 135, 40-45, 1999.

RAMOS, G. O problema do negro na sociologia brasileira. **Cadernos de Nosso Tempo**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 189-220, jan./jun. 1954.

WEITZ, R. **Women and their hair: seeking power through resistance and accommodation**. In: WEITZ, R. The politics of women's bodies: sexuality, appearance, and behavior. Oxford University Press: New York, 2003.